

## Jornalismo, esporte e migrações

Entrevista com *Guilherme Silva Pires de Freitas*<sup>1</sup>

por Livia Verena Cunha do Rosário<sup>2</sup>

**LÍVIA ROSÁRIO:** Sua formação inicial é em Jornalismo, com trabalho de conclusão intitulado “Por que no Brasil apenas o futebol tem destaque na imprensa?”, indicando desde então sua relação com o esporte. Como surgiu o interesse pelo jornalismo esportivo e como foi a experiência nessa área no começo da sua carreira?

**GUILHERME FREITAS:** Sempre gostei e fui fã de esportes. Na infância, tive a oportunidade de praticar algumas modalidades como judô, basquete, futebol e natação. Na natação foi talvez a modalidade onde mais tive destaque, tendo disputado campeonatos e competições que foram importantes depois no futuro pra mim. Nunca fui um atleta fora de série, mas gostava muito de praticar e consumir as modalidades, fosse assistindo eventos esportivos na TV, indo ao estádio de futebol com meu pai, colecionando figurinhas, através de brinquedos, etc. Quando terminei o Ensino Médio, um dos cursos pelos quais tinha interesse era o de jornalismo. Meu pai era assinante da Folha de S. Paulo e eu gostava muito de ler o caderno de esportes. Sempre quis de alguma forma trabalhar com esporte e, na minha cabeça, entendia que o jornalismo poderia me proporcionar isso. Então fiz o vestibular e fui aprovado para a faculdade de jornalismo na UniFIAMFAAM. Foram quatro anos estudando e meu primeiro estágio foi em uma secretaria da Prefeitura de São Paulo. Eu não gostava do ambiente e lá me sentia deslocado fazendo algo que não curti. Aí vi que abriu uma vaga de estágio para trabalhar na assessoria de imprensa da Federação Aquática Paulista. Como havia nadado e conhecia bem a modalidade, fui aprovado para trabalhar lá e comecei minha carreira na imprensa. Passei dois anos lá até o fim do estágio e a conclusão do curso. Foi uma grande experiência porque lá passei a escrever todo o dia, o que me ajudou muito na profissão e vida acadêmica futura, além de ter tido contato também com outros profissionais

---

<sup>1</sup> Guilherme é doutor em Ciências - Programa de Mudança Social e Participação Política da Universidade de São Paulo e mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Especialista em Ciências Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pelo Centro Universitário FIAM-FAAM. Membro associado ao LASA (Latin American Studies Association). Atualmente, é pós-doutorando em Ciências pela Universidade de São Paulo no Programa de Mudança Social e Participação Política.

<sup>2</sup> Professora do Colegiado de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amapá (UEAP) e doutoranda em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: livia.rosario@ueap.edu.br

de imprensa esportiva. Como estava “mergulhado” no universo dos esportes olímpicos, pensei em abordar no TCC o fato da mídia brasileira ser excessivamente voltada ao futebol, e pude pesquisar um pouco mais sobre o jornalismo esportivo no Brasil, a relação do brasileiro com o futebol e realizar entrevistas com profissionais de destaque da área. Depois de formado, continuei trabalhando no jornalismo esportivo, passei por veículos grandes e pequenos, cobri campeonatos no exterior, os Jogos Olímpicos no Rio em 2016 e pude ter contato com figuras importantes na esfera esportiva, de atletas a dirigentes. Acredito que se não tivesse feito jornalismo, teria escolhido alguma outra profissão, onde eu pudesse estar próximo ou vivenciando o esporte. Porém, o jornalismo foi não só importante por isso, mas também por ter me ajudado a desenvolver habilidades de leitura, interpretação de texto e escrita.

**LÍVIA ROSÁRIO:** A conexão entre esporte, mais especificamente o futebol, e migração tornaram-se sua especialidade a partir da pós-graduação. Como se deu a interação entre os dois temas na sua trajetória; e a escolha pelas seleções de futebol multiculturais da União Europeia, como objeto de pesquisa em sua dissertação?

**GUILHERME FREITAS:** Começou após uma não aprovação na pós-graduação. Em 2011, eu tentei entrar no mestrado em Relações Internacionais no programa San Tiago Dantas, da Unicamp, UNESP e PUC-SP. Iria estudar as relações políticas/comerciais entre o governo brasileiro e moçambicano durante a presidência do Lula entre 2003 e 2010. Quase fui aprovado, tendo passado nas provas de idioma e teórica, mas sendo reprovado na entrevista final. Aí comecei a pensar em como entrar num novo programa de mestrado, mas dessa vez estudando a questão do esporte, que sempre foi minha grande paixão. A ideia de estudar relações internacionais e África, se deu por causa de uma especialização em Ciências Sociais que havia feito, onde estudei Moçambique. No TCC, onde estudei as relações entre os países, meu orientador, o Professor Dr. Flavio Rocha, hoje docente na Unifesp, me encorajou a estudar o tema. Mas como não fui aprovado, comecei a pensar em outro tema. A Copa do Mundo disputada aqui no Brasil, em 2014, me deu uma boa ideia de montar um projeto de mestrado. Comecei a dar uma olhada no perfil das seleções europeias, que tinham muitos jogadores com esse perfil multicultural e como sempre acompanhei também questões migratórias, decidi estudar essa relação entre esporte, migração e sociedade. Entendia que as equipes de futebol poderiam ser um importante vetor para a discussão sobre a migração na sociedade, afinal, futebol é o esporte mais popular do mundo, algo que muita gente conhece e que poderia ser um instrumento mais fácil de comunicar estas questões, além da

minha experiência profissional com a área. E também pelo fato de o tema ser bastante debatido na Europa, que tem ligas globalizadas e cada vez mais internacionais. Escolhi as seleções da União Europeia por dois fatores principais. Primeiro porque os países europeus têm uma relação muito intensa com fluxos migratórios, seja pela grande quantidade de pessoas que migram para lá, seja pelo histórico colonial que também motivou esses fluxos. E isso fica nítido quando vemos atletas de origem migrante defendendo seleções europeias, às vezes com sobrenomes que “entregam” suas origens. Entendia que isso seria uma forma bem prática para discutir a questão migratória. E, segundo, pelo material que conseguiria coletar no início da formulação do projeto, pois esse tema já era bem mais discutido na academia europeia do que aqui no Brasil, por exemplo. Lembro que existiam muitos trabalhos já publicados, entre artigos científicos e livros em inglês e francês, que me ajudaram a começar a escrever um projeto. Aí fiz a junção entre esses trabalhos acadêmicos do campo do esporte com pensadores do campo das ciências humanas, que discutiam migração e identidade. Fui aprovado no mestrado em Estudos Culturais na USP em 2014 e comecei o curso no ano seguinte, sob a orientação do Professor Dr. Luiz Trigo, na EACH/USP. Durante a execução do mestrado senti que tinha acertado na escolha da pesquisa, porque cada vez mais havia citações sobre as seleções com atletas de origem migrante na Europa, tanto na mídia, quanto na academia e a grande massa de deslocados forçados em direção a Europa também fomentou debates e discussões sobre o campo de estudo das migrações. Após a conclusão do mestrado, fui convidado pela Editora Dialética a transformar minha dissertação em livro, algo que se concretizou em 2022 com o lançamento pouco antes da Copa do Mundo daquele ano.

**LÍVIA ROSÁRIO:** Um dos conceitos que você aborda em sua pesquisa de mestrado é a “estrutura de sentimento”, de Richard Giulianotti (2020), para explicar o hibridismo que atravessa jogadores e torcedores das seleções europeias, além de evidenciar as contradições do multiculturalismo no futebol. Você pode explicar a escolha do conceito e a relação com a questão migratória?

**GUILHERME FREITAS:** Essa situação toda se dá devido à globalização e ao capitalismo. O futebol europeu foi um meio onde ambos atuaram. A sanção da Lei Bosman em 1995, que mudou para sempre o futebol europeu, deu mais direito aos atletas, que puderam negociar seus passes para outras equipes, tendo contratos mais vantajosos. Ela também deu maior poder aos clubes mais ricos do continente, que passaram a ter um grande potencial financeiro para atrair as grandes estrelas e com isso aumentarem ainda mais suas marcas e presença em

outros mercados, como a Ásia, o Oriente Médio e os Estados Unidos. Toda essa situação também gerou um choque em torcedores mais conservadores e tradicionalistas. Afinal, como esses sujeitos podem apoiar a seleção do seu país ou o clube do seu coração, se boa parte do elenco é formado por filhos de migrantes, no caso da seleção, ou jogadores estrangeiros, no caso dos clubes? Giulianotti afirma no livro *Sociologia do Futebol* que “a globalização traz consigo uma dissolução dos vínculos sociais e políticos locais entre o clube e a comunidade. O movimento internacional de jogadores também ocasiona a maior circulação de ressentimentos políticos e de perspectivas cosmopolitas”. Ou seja, esses assuntos envolvendo as migrações também serão debatidos pelos torcedores que poderão se sentir representados e parte de uma sociedade multicultural, ou avessos a este novo tipo de sociedade, preferindo um passado utópico vendido como puro onde não exista diversidade, o que nunca existiu. De fato, é algo bastante complexo e que gera esses choques identitários, mostrando como o futebol é um campo bastante interessante para estudar estes comportamentos sociais. Mas não se pode excluir dessa situação, os efeitos da globalização, ampliados pelo capitalismo que tomou o controle do esporte de alto rendimento. O historiador Eric Hobsbawm escreveu no livro “Globalização, democracia e terrorismo” que o futebol “se tornou um lucrativo negócio financeiro e instrumento capitalista de grande escala”. E nós vemos exatamente isso, inclusive em casos que geram esses choques identitários quando um bilionário russo ou um membro da elite real de nações do Oriente Médio compra um clube tradicional e despeja dinheiro nele, buscando seduzir e conquistar o apoio daqueles torcedores mais tradicionalistas, com elencos badalados que possibilitem o clube virar uma potência continental, como aconteceu com o Chelsea e o Paris St. Germain, por exemplo. Clubes que tiveram histórico de torcidas organizadas de extrema-direita e que hoje com elencos multiculturais e donos estrangeiros, mudaram o perfil de torcedores. Além de pesquisadores do campo do esporte como Giulianotti e meu orientador de doutorado, Professor Dr. Marco Bettine, que foi uma pessoa essencial na minha tese de doutorado e projetos mais recentes, também tenho entre minhas referências de pesquisas sobre identidade, os trabalhos de Stuart Hall e Zygmunt Bauman, que respectivamente, descrevem a identidade como híbrida e líquida. E de fato é isso aí mesmo. Nossa identidade está sempre sujeita a se modificar, afinal vivemos em um mundo altamente globalizado e impactado cada vez mais por uma informação ou consumismo de alta velocidade. Obviamente, esse hibridismo vai acontecer em várias esferas e o futebol, como um representante da cultura popular, não será exceção.

**LÍVIA ROSÁRIO:** Em julho de 2024, a seleção espanhola venceu a Eurocopa. Os dois jovens atacantes do time ganharam destaque por seu desempenho esportivo, mas também por suas origens. Lamine Yamal e Nico Williams são espanhóis e filhos de refugiados africanos. Embora celebrados nos momentos de vitórias das seleções europeias, jogadores como os jovens mencionados vivenciam cotidianos marcados pelo racismo e xenofobia. Como o futebol pode nos ajudar a compreender a ferida colonial no velho continente?

**GUILHERME FREITAS:** Esse é o caso da “faca de dois gumes” que o futebol gera na sociedade, porque expõe a hipocrisia de como a Europa trata os migrantes e os direitos humanos. Os dois jovens espanhóis, Nico e Yamal, sofreram bastante antes de serem aclamados como ídolos nacionais. Nico vem de uma família de migrantes ganeses e pelo fato de ter uma pele bem escura sofreu muito com racismo no futebol espanhol. O irmão dele, Iñaki, por exemplo, optou por defender Gana e não a Espanha. Já Yamal tem origem no Marrocos e na Guiné Equatorial, inclusive, ele quase defendeu a seleção marroquina. O pai dele já foi flagrado batendo boca com membros do partido extremista *Vox*, que pede a expulsão de migrantes da Espanha. Além deles, existem outros vários exemplos com atletas que vão “do céu ao inferno” em poucos segundos, basta uma derrota para tudo mudar. Lukaku, Benzema, Ozil e tantos outros, filhos de migrantes, mas nascidos e criados na Europa, já relataram casos assim. “Na vitória sou europeu, na derrota sou um migrante que não deveria estar aqui”, foi o que todos disseram de formas distintas. E isso é muito presente no esporte. Quando esses atletas obtêm sucesso, são celebrados e festejados, mas quando perdem, os ataques não focam suas performances, que deveria ser o alvo da crítica, mas sim suas origens, sobrenomes ou cor de pele. O professor da Universidade de Nice, Yvan Gastaut, tem vários trabalhos desse tipo sobre a sociedade francesa desde a década de 1990. E ele afirma que isso é uma constante na França há décadas, mas que se acentuou no esporte quando atletas de origem estrangeira passaram a ter maior destaque. Isso sem falar na proibição do véu islâmico por mulheres muçulmanas, que são forçadas a não participar da esfera esportiva, E isso também está muito ligado ao passado colonial e a identidade do “que é ser europeu”. Falando primeiramente da questão colonial, é preciso ter em mente que muitos desses jovens não estão roubando vagas de emprego ou tomando lugar de europeus. Eles também são europeus, pois nasceram ali e deveriam ter as mesmas oportunidades. Porém, isso é um reflexo e efeito de séculos de colonização europeia pelo mundo. Os antigos impérios europeus invadiram, pilharam e saquearam o mundo todo e quando precisaram de ajuda para se reconstruir após guerras e crises, recorreram a mão de obra migrante de suas antigas colônias ou através de contratos específicos como no caso da Alemanha com os

migrantes turcos. Esses descendentes são nascidos e criados na Europa, mas tratados muitas vezes com descaso, marginalizados e onde não se vê o discurso dos direitos humanos ser aplicado. Porém, quando se tornam “interessantes” para o país ou uma estrela do esporte, aí o tratamento é diferenciado. Mas uma falha pode jogá-los à sarjeta de novo. Quanto à questão da identidade europeia, é algo que a criação da União Europeia tentou fortalecer após a II Guerra Mundial para evitar que novos conflitos acontecessem. Por um lado, deu certo, pois gerou uma ideia de unidade como podemos ver nos comportamentos da Europa sobre a guerra entre Ucrânia e Rússia, mas por outro mostrou as rachaduras que existem em um continente tão diverso e com interesses diferentes. E nessas horas o sentimento de “ser europeu” vai excluir atletas que tenham uma cor de pele mais escura, um sobrenome diferente ou uma religião não cristã.

**LÍVIA ROSÁRIO:** Na sua pesquisa de doutorado, defendida em 2024, você realizou entrevistas semiestruturadas com refugiados, solicitantes de refúgio e migrantes internacionais participantes da Copa dos Refugiados e dos Migrantes, que responderam questões acerca das redes migratórias, dificuldades e acolhimento no Brasil. Quais os principais pontos de convergência e divergência nas falas dos participantes?

**GUILHERME FREITAS:** Eu entrevistei ao todo dez pessoas, sendo nove homens e somente uma mulher na cidade de São Paulo. Infelizmente, o torneio ainda é bastante masculino e poucas mulheres tiveram a oportunidade de jogar, ficando mais a cargo da organização do evento. Procurei entrevistar pessoas de países e regiões diferentes, o que deu certo já que foram sujeitos de nove países. Sobre as convergências das entrevistas, elas foram muitas. As maiores similaridades ocorreram sobre como estes indivíduos avaliam a Copa dos Refugiados em suas vidas. Para praticamente todos eles, a competição foi importante em vários pontos, seja para conhecer novas pessoas, um espaço de acolhimento em meio a semelhantes, de criar vínculos, de reforçar suas identidades e se enxergarem como refugiados e migrantes e ainda uma distração em meio a vida de incertezas e improvisos que essas pessoas têm. Também houve muitas respostas parecidas sobre como estes migrantes e refugiados avaliam ações que envolvam práticas de esporte e lazer como ferramentas para ajudar no processo de adaptação e integração à sociedade. Para todos eles, a Copa é uma alternativa eficiente nessa questão, pois além de fortalecer a comunidade de refugiados e migrantes, ainda consegue atrair a atenção da sociedade civil brasileira, que pode acompanhar os jogos e tomar nota sobre as discussões migratórias. Também houve respostas parecidas destas pessoas sobre como elas descrevem e enxergam os brasileiros. Foi comum

a resposta de que os brasileiros são pessoas agradáveis, acolhedoras e simpáticas, mas que não entendem ou que tem pouco conhecimento das questões de migração e refúgio, o que pode gerar situações de constrangimento. Já sobre as divergências, o que mais percebi nas entrevistas foram as trajetórias de vinda ao Brasil de cada um. Mesmo entre os refugiados, que vieram para cá de forma forçada, houve algumas diferenças. Há quem já conhecia um pouco do Brasil e até tinha planos para se estabelecer, e quem veio para cá sem saber nada a respeito do país, cultura e idioma. Mesmo entre eles, como este motivo de fuga e buscando acolhimento no Brasil, havia diferenças referente a dificuldades de adaptação e conseguir vaga para trabalhar e estudar. Já entre aqueles que vieram ao Brasil por livre e espontânea vontade, também havia algumas divergências, por exemplo, alguns relataram muita dificuldade de acolhimento pelos brasileiros, outros disseram que foi tranquila a integração, entre outros pontos neste processo de adaptação. Porém, no geral houve mais convergências do que divergências, que mostra que migrantes e refugiados têm um perfil semelhante quando questionados sobre identidade e práticas de esporte e lazer como política de integração na cidade de São Paulo.

**LÍVIA ROSÁRIO:** Há uma frutífera parceria acadêmica entre você e o também pesquisador Felipe Antonio Honorato (GEPHOM - EACH/USP) em textos publicados no site Migramundo, referência de informação sobre a temática migratória. Em um dos artigos mais recentes, vocês trataram do romance *The lonely Londoners*, do autor Sam Selvon (1956), e livro pioneiro na escrita de migrantes caribenhos. Mesmo após décadas de publicação, por que o livro continua atual para pensar a cidadania na Europa?

**GUILHERME FREITAS:** O Felipe é um grande amigo. Nós nos conhecemos há muito tempo, fizemos o mestrado em Estudos Culturais e o doutorado em Mudança Social e Participação Política na EACH/USP juntos. Como ambos pesquisamos temáticas migratórias, sempre conversamos a respeito de temas de pesquisa e tentamos fazer publicações conjuntas. Além deste tipo de produção, também tivemos a oportunidade de ministrar alguns cursos juntos e apresentar trabalhos em eventos no Brasil e exterior. A ideia de escrever o breve texto para o Migramundo foi do Felipe, que durante o período sanduíche do doutorado dele na Bélgica, leu o livro e me chamou para escrever algo a respeito. Logo de cara topei, porque a história é bastante interessante. Mesmo sendo um romance, o livro traz situações que realmente ocorreram com os migrantes caribenhos naquela época, até pelo fato de o autor ser um migrante caribenho. Mesmo o livro tendo sido escrito há quase 70 anos, alguns pontos da história permanecem atuais, como o preconceito racial, a



desigualdade social entre as populações, entre outras. É uma amostra de que pouca coisa mudou de lá pra cá. Obviamente, existiram avanços políticos e sociais, mas a situação poderia ser muito melhor do que a atual. Por exemplo, em questões de documentação, muitos países ainda não concedem cidadania para filhos de migrantes. Nestes países europeus, eles crescem sem a cidadania da pátria onde nasceram, tendo que esperar até a maioridade para ter um documento definitivo. Isso é algo bastante traumático na questão identitária e de pertencimento desses indivíduos. Imagine alguém que viveu, estudou, aprendeu o idioma, tem amigos locais e se identifica com um país, mas ao mesmo tempo não tem a cidadania e não é reconhecido como um cidadão da pátria. Soma-se a isso, a marginalização de algumas comunidades por parte do Estado e estigmas que são reforçados pelas camadas mais reacionárias de uma sociedade. É algo extremamente cruel e que dificulta em muito a integração dessas comunidades, que pode acarretar problemas sociais e de violência. Além disso, mesmo após o “fim” da colonização, os países outrora colonizadores seguem tendo uma visão imperialista e colonial do mundo. Muitos migrantes foram fundamentais para a reconstrução da Europa no pós II Guerra Mundial e até hoje esses migrantes e seus descendentes seguem sendo marginalizados ou não tendo sua importância reconhecida. Alguns pontos citados no romance, que se passaram na década de 1950, seguem acontecendo nos dias atuais. A recente crise global do capitalismo também vem acirrando ânimos no Reino Unido, onde o discurso da extrema-direita vem ganhando adeptos. Os atos de perseguição a refugiados e migrantes em julho e agosto de 2024, motivados por *fake news*, é sempre bom lembrar, são exemplos de como essas populações ainda sofrem com os estigmas que lhes são impostos e que podem dificultar sua integração e aceitação.

**LÍVIA ROSÁRIO:** Você tem ministrado cursos de extensão sobre migração, esporte e colonialismo. Na PUC SP, os cursos já contam com mais de uma edição, indicando o amplo interesse sobre o assunto. Como você organiza os temas abordados e como tem sido a receptividade dos alunos?

**GUILHERME FREITAS:** Eu sempre digo que o esporte não está à margem da sociedade ou vivendo dentro de uma bolha, como prega o senso comum. Discutir e compreender o mundo através do esporte é algo possível de ser feito, às vezes até de forma involuntária. Grandes eventos como Jogos Olímpicos e Copa do Mundo acabam gerando conversas sobre importantes questões sociais. Os recentes Jogos Olímpicos de Paris, mostraram muito disso. Toda a politização de temas como exclusão dos russos, o não banimento de Israel, o *sportswashing* francês, as manifestações de atletas, a discussão de gênero, etc. Esses



assuntos foram debatidos seja na academia, nas redes sociais, na roda de amigos ou na mesa de bar. Isso mostra como o esporte, por ser algo popular e de grande alcance, facilita a discussão de assuntos sociais como é o caso da migração, principalmente. Quanto à receptividade, eu vejo que tem muita gente interessada em estudar esses temas. Desde que comecei a ministrar estes cursos de extensão ou realizar palestras para alunos de graduação, percebo um grande interesse, sobretudo de alunos mais jovens, especialmente aqueles que terminaram recentemente a graduação ou dos que estão iniciando um processo de pós-graduação. É algo animador, por ver que esse pessoal quer pesquisar essas temáticas e com isso, podemos ter futuros pesquisadores e projetos envolvendo o esporte com o campo da migração e identidade. Além disso, também mostra como o campo do esporte é muito rico para a discussão destas temáticas. Por exemplo, o curso onde relaciono o colonialismo com a migração é algo pouco discutido, porque se entende que são campos sem relação, quando é justamente o oposto. A história do esporte está cheia de menções ao colonialismo, já que o esporte era somente mais um espaço para difusão do pensamento e ideologia colonial. É a mesma coisa com as questões migratórias, que são visíveis a olho nu, principalmente no caso de atletas e equipes multiculturais. Toda essa situação impulsiona debates políticos e sociais. Seja de uma forma positiva, quando se discute formas de melhor integração e inclusão através do esporte, ou negativo, acirrando ainda mais as diferenças e dando espaço para manifestações racistas e xenófobas. Mas é isso, acredito que o esporte pode ser um campo muito importante para estas discussões. Vivo pensando em formas de como abordar esses temas, seja através de cursos, artigos, apresentações. Às vezes pesquiso sobre algo e descubro algo interessante. Já deixo anotado para tentar explorar futuramente, mas aí acabo descobrindo outro fato bacana. E faço a mesma coisa. É um *looping* sem fim [risos]. Mas é algo positivo, pois mostra toda a riqueza de temas que podemos explorar através do esporte e de certa forma, tentar massificar o conhecimento. E fico feliz em ver pessoas interessadas no tema, o que me mostra que não estou sozinho nestes desafios.